

8 OUT 1985

Bancos britânicos reduzem os negócios na área internacional

por David Lascelles
do Financial Times

A moratória da dívida sul-africana, o Crocker National Bank, a América Latina: os bancos britânicos tiveram muita razão para ter cautela em expandir os negócios internacionais. Mas nenhum deles se pode dar ao luxo de ficar parado ou mesmo retirar-se do mercado externo, e a formulação de uma estratégia internacional bem-sucedida tornou-se uma tarefa delicada.

O lucro dos maiores bancos na área internacional tem sido errático, para dizer o menos, nos últimos dezoito meses, largamente, porque, com a possível exceção do National Westminster Bank, eles sofreram alguns golpes.

Há também o custo de fazer provisão contra as duvidosas dívidas do Terceiro Mundo, às quais o Lloyds e o Midland estão mais fortemente expostos. O Barclays sofreu também perdas em Hongkong e nos EUA, embora elas já pareçam ter sido diluídas.

Poucos grandes bancos ingleses esperam que os lucros internacionais cresçam nos próximos anos. Mas todos estão engajados a sair do negócio de mercados arriscados, imprevisíveis, particularmente no mundo em desenvolvimento, e em busca de negócios de melhor qualidade na América do Norte, na Europa e no Extremo Oriente, mesmo que isso signifique mais concorrência e margens menores.

AFRICA DO SUL

O exemplo mais notável disso é o esforço combinado do Barclays e o Standard Chartered para se desvincularem da África do Sul e concentrarem seus recursos em outras partes do mundo. Nos últimos seis meses, os dois bancos reduziram a participação nas subsidiárias sul-africanas para menos de 50% e voltaram-se para empresas associadas. O Barclays National Bank também mudará de nome para apagar o vínculo.

As medidas foram extremamente bem programadas, embora a moratória da dívida anunciada por Pretória em 1º de setembro ainda surpreendeu os dois bancos com a maior posição, no país do que qualquer outro banco estrangeiro. Segundo a W. Greenwell, corretora do Reino Unido, a posição chega a cerca de 750 milhões de libras, no caso do Barclays, equivalente a cerca de 1% de seus ativos, e a 1,1 bilhão de libras, no caso do Standard Chartered (4%).

Presumivelmente, eles tentarão reduzir a exposição quando tiverem a oportunidade. No entanto, houve evidência da determinação do Standard Chartered de construir um negócio alternativo com a aquisição, no início de setembro, de um banco no Arizona por 250 milhões de libras, o que dará a esse ex-banco colonial um negócio maior na América do Norte do que na África do Sul, e será um acréscimo às operações na Califórnia e Nova York.

Com sorte, o Midland deveria agora ter passado o pior em sua desastrosa aquisição do americano Crocker National Bank, que perdeu 240 milhões de libras nos últimos dois anos. O Midland agora tem pleno controle do Crocker e o está lentamente conduzindo de volta ao lucro, enquanto o absorve em seu grupo. O Crocker vai tornar-se essencialmente um banco doméstico norte-

americano transferido à visão internacional do Midland.

MIDLAND

Até o final do século, possivelmente, o Midland talvez seja capaz de justificar seu empreendimento extravagante em termos de uma fatia grande e lucrativa do mercado dos EUA. Mas a transação ficará sendo uma das mais colossais asneiras bancárias da história e um exemplo acautelador de como não assimilar os norte-americanos.

As outras operações norte-americanas dos bancos estão melhorando. O NatWest U.S.A., possivelmente o empreendimento norte-americano mais bem-sucedido de um banco britânico, aumentou os lucros em 69% para US\$ 46 milhões na primeira metade deste ano, principalmente abrindo um lugar, mas também um sulco determinado nos mercados varejistas e de pequenas empresas de Nova York.

O Barclays e o Lloyds também parecem estar desenvolvendo as operações bancárias em Nova York e na Califórnia. Outros mercados nos quais os grandes bancos estão de olho incluem a base do Pacífico, onde todos menos o Midland estão sendo admitidos ao recém-liberalizado mercado australiano. Ele também têm tendência a se expandir no Japão, particularmente no setor de valores.

ESPAÑHA

O negócio está crescendo na Europa, onde os grandes bancos possuem filiais ou subsidiárias na maioria dos países. Anteriormente, neste ano, o NatWest penetrou no crescente mercado espanhol, comprando participação no Banca March — o 10º maior banco da Espanha — prevendo o crescimento que deve vir quando o país se tornar membro da CEE.

Um novo aspecto da expansão dos bancos é seu crescente envolvimento nos mercados de valores. Todos os bancos falam da ambição de negociar títulos e ações.

O NatWest acabou de formar um novo banco de investimento em que ele espera conseguir licenças de valores, tanto em Tóquio quanto em Nova York. O Barclays tem objetivos semelhantes para o Barclays de Zoete Wedd, seu recém-formado braço na área, embora esteja menos avançado no mercado norte-americano do que o NatWest.

LLOYDS

O Lloyds estará expandindo-se no setor de valores por meio de sua nova subsidiária que combina muitas das atividades anteriormente do Lloyds Bank International, filial no exterior que agora foi incorporada ao banco matriz.

No Midland, a expansão virá largamente por meio do Samuel Montagu, seu banco de investimento que deve assumir, entre outras coisas, as atividades nos mercados de capital internacionais do Crocker National Bank.

Esta é também uma das principais áreas de expansão no exterior dos bancos de investimento britânicos, particularmente atraídos pelo negócio com ações e finanças corporativas. Seu alvo principal tem sido o Extremo Oriente e Nova York, onde pretendem acentuar a experiência técnica internacional que é uma de suas características.